



A percepção da hospitalidade na cidade de Budapeste: o olhar dos imigrantes


The perception of hospitality in the city of Budapest: the immigrants' perception

La percepción de la hospitalidad en la ciudad de Budapest: la mirada de los inmigrantes



Mariana Solti SACRAMENTO 
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Manoela Carrillo VALDUGA 
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Romário Loffredo de OLIVEIRA 
Universidade de São Paulo (USP)

DATAS

Recebido: 17/11/2025

Aprovado: 19/12/2025

EDITADO POR

Mirian Rejowski

RESUMO

A hospitalidade é essencial para criar vínculos, pertencimento e identidades culturais nas cidades contemporâneas. Considerando que a hospitalidade deve alcançar especialmente quem está afastado da realidade habitual, torna-se relevante observar indivíduos envolvidos nos atuais fluxos migratórios. Nesse contexto, a pesquisa analisa a relação entre a cidade anfitriã e os imigrantes, tomando Budapeste, capital da Hungria, como recorte geográfico. Conhecida por sua história, arquitetura e diversidade cultural, a cidade atrai turistas e oferece oportunidades de trabalho, estudo e investimento, e acolhe refugiados de regiões conflituosas, como Oriente Médio e Ucrânia. Entretanto, desafios como barreira linguística e alto custo de vida podem tornar a experiência hostil. Este estudo busca compreender como imigrantes percebem a hospitalidade em seu cotidiano, a partir de uma pesquisa exploratória quantitativa. Questionários online foram aplicados pelo método “bola de neve”, com participantes não húngaros que viveram em Budapeste. As análises, baseadas em Cinotti (2011), indicam que, embora existam iniciativas de integração, ainda faltam políticas efetivas de inclusão. A ausência de suporte multilíngue e de profissionais capacitados, bem como a falta de informações acessíveis, dificultam a adaptação. Nas interações sociais, alguns imigrantes relatam segurança e acolhimento, enquanto outros apontam atitudes hostis, sobretudo em serviços públicos.

PALAVRAS-CHAVE

Imigração, inclusão, interação social, barreira linguística, integração.

ABSTRACT

Hospitality is essential for creating bonds, a sense of belonging, and cultural identities in contemporary cities. Considering that hospitality should especially reach those who are removed from their usual reality, it becomes relevant to observe individuals involved in current migratory flows. In this context, the research analyzes the relationship between the host city and immigrants, taking Budapest, the capital of Hungary, as the geographical focus. Known for its history, architecture, and cultural diversity, the city attracts tourists, offers opportunities for work, study, and investment, and hosts refugees from conflict regions such as the Middle East and Ukraine. However, challenges such as language barriers and a high cost of living can make the experience hostile. This study seeks to understand how immigrants perceive hospitality in their daily lives, based on an exploratory quantitative approach. Online questionnaires were applied using the snowball method, with non-Hungarian participants who had lived in Budapest. The analyses, based on Cinotti (2011), indicate that although there are integration initiatives, effective inclusion policies are still lacking. The absence of multilingual support and trained professionals, as well as the lack of accessible information, hinder adaptation. In social interactions, some immigrants report safety and a sense of welcome, while others point to hostile attitudes, especially in public service settings.

KEYWORDS

Immigration, inclusion, social interaction, language barrier, integration.

RESUMEN

La hospitalidad es fundamental para generar vínculos, sentido de pertenencia e identidades culturales en las ciudades contemporáneas. Dado que debe incluir especialmente a quienes se encuentran lejos de su realidad habitual, resulta relevante observar a las personas involucradas en los actuales flujos migratorios. En este contexto, la investigación analiza la relación entre Budapest, ciudad anfitriona, y las personas inmigrantes que allí residen. La capital húngara, reconocida por su historia, arquitectura y diversidad cultural, atrae turistas y ofrece oportunidades laborales, educativas y de inversión, además de acoger a refugiados de regiones en conflicto, como Oriente Medio y Ucrania. Sin embargo, desafíos como la barrera lingüística y el alto costo de vida pueden dificultar la experiencia. El estudio busca comprender cómo las personas inmigrantes perciben la hospitalidad en su vida cotidiana a partir de una investigación exploratoria cuantitativa. Se aplicaron cuestionarios en línea mediante el método de “bola de nieve” a participantes no húngaros que habían vivido en Budapest. Los análisis basados en Cinotti (2011) muestran que, aunque existen iniciativas de integración, aún faltan políticas efectivas de inclusión. La falta de apoyo multilingüe, de profesionales capacitados y de información accesible dificulta la adaptación. En las interacciones sociales, algunas personas reportan seguridad y acogida, mientras que otras mencionan actitudes hostiles, especialmente en servicios públicos.

PALABRAS CLAVE

Inmigración, inclusión, interacción social, barrera lingüística, integración.

1 Introdução

A hospitalidade, enquanto prática social, desempenha um papel fundamental na criação de vínculos, na construção de pertencimento e na formação de identidades culturais em cidades contemporâneas. Estes lugares, os das cidades contemporâneas, são altamente povoados,

aproximando, ao menos geograficamente, sujeitos com histórias, hábitos e costumes diferentes entre si (Gastal & Kunz, 2014).

Conforme argumenta Baptista (2005), a hospitalidade pode ser compreendida como uma "geografia de proximidade humana", na qual o acolhimento e a interação entre diferentes indivíduos promovem a integração e o reconhecimento mútuo nas dinâmicas sociais. Camargo (2021) relembra que, até os idos anos de 1960, sobretudo em áreas rurais e cidades pequenas, com a pouca mobilidade da época, as pessoas compartilhavam conhecimentos mútuos, vivendo por muito tempo na mesma casa e convivendo com a mesma comunidade. Já em contextos marcados pela intensificação dos fluxos migratórios, a percepção de hospitalidade torna-se uma dimensão essencial para compreender a relação entre a cidade e os imigrantes que nela residem.

Budapeste, a vibrante capital da Hungria, localizada no leste europeu, destaca-se como um dos principais destinos turísticos da Europa. Reconhecida por sua rica história, arquitetura, cultura e diversidade de atrações, a cidade tem atraído milhões de visitantes anualmente. Em 2024, após a retomada do turismo pós-pandemia, o número de chegadas internacionais cresceu 20%, em relação ao ano anterior, segundo dados obtidos pelo Instituto Oficial de Estatística da Hungria (KSH)¹, que também apurou um crescimento no fluxo de estrangeiros que escolhem Budapeste como local de residência, motivados por oportunidades de trabalho, investimentos e programas educacionais, bem como pela chegada de refugiados provenientes de regiões em conflito, como Oriente Médio, Ucrânia e outros países vizinhos. O último censo demonstrou que cerca de 114.000 (cento e quatorze mil) estrangeiros residem na capital húngara.

Além dos dados apresentados, o fato de uma das autoras do presente estudo ter vivido em Budapeste, no período de 2023 a 2024, contribuiu para a motivação do estudo. Contudo, viver em Budapeste não é isento de desafios: barreiras linguísticas, custo de vida elevado e questões políticas podem dificultar o processo de adaptação. Por outro lado, aspectos como segurança, infraestrutura, redes de suporte, serviços de saúde para estrangeiros e eventos multiculturais podem facilitar essa integração. Diante desse cenário, o presente estudo busca investigar como os imigrantes percebem a hospitalidade em seu cotidiano, analisando suas experiências e as práticas sociais que contribuem – ou não – para sua acolhida na cidade. Essa análise é essencial para compreender como a hospitalidade pode influenciar a qualidade de vida e o sentimento de pertencimento de estrangeiros em Budapeste.

Foram adotados os seguintes objetivos específicos para auxiliar no alcance do objetivo geral: (1) Refletir sobre a imigração com base nos estudos da hospitalidade; (2) Caracterizar o perfil do conjunto de respondentes, com foco em sua proficiência no idioma húngaro; e (3) Analisar as experiências e práticas sociais dos imigrantes em Budapeste, no contexto da hospitalidade.

Para tanto, além de uma revisão de literatura narrativa para o primeiro objetivo específico, realizou-se uma pesquisa exploratória com dados quantitativos. Foram aplicados questionários online, seguindo o efeito “bola de neve”, ou seja, por indicação de sujeitos de qualquer outra

¹ Informações do *Hungarian Central Statistical Office* obtidas em: <https://www.ksh.hu/en/first-releases/tsz/etsz2412.html> e https://www.ksh.hu/stadat_files/nep/en/nep0050.html

nacionalidade que não húngara, que tivessem morado em Budapeste por no mínimo um ano, entre os anos 2019 e 2025. Com esse critério, obtiveram-se 101 respostas válidas, que serão apresentadas nos resultados do presente artigo.

Antes da apresentação dos resultados, o documento conta com esta introdução, seguida do referencial teórico sobre a Hospitalidade, com foco nas abordagens sociais da mesma, nas relações com o território e no que se refere ao contexto migratório. Após, apresenta-se a metodologia do estudo, que expõe as etapas e o rigor com o qual o estudo foi realizado. A seção de resultados apresenta a análise dos dados coletados lançando mão de gráficos, figuras e tabelas para garantir a compreensão didática da pesquisa. Por fim, encontram-se as considerações finais e as referências utilizadas no estudo.

2 Perspectivas sobre a hospitalidade

2.1 Percurso de alguns autores

A presente sessão elegeu alguns autores que exploram um percurso da hospitalidade em direção às questões da migração. Segundo Korstanje (2010), nas tradições greco-romanas, a prática de acolher o estrangeiro era algo além de um gesto de gentileza, que excedia a simples troca de bens e serviços, era uma obrigação religiosa e espiritual, ligada à proteção divina. Essa visão pode ser reforçada pela obra *Ilíada*, de Homero, na qual receber um desconhecido poderia significar receber uma divindade disfarçada.

No período histórico conhecido como Iluminismo, Kant aborda a hospitalidade universal como parte de um processo em prol da paz entre os Estado-Nação, com destaque a um personagem de suma importância nos estudos da hospitalidade, qual seja o estrangeiro (Nodari, 2014). Para Boff (2005), o estrangeiro é definido como o outro que coloca os sujeitos frente a um mundo diferente do seu, compreendido e vivido de acordo com uma cultura que lhe é alheia.

Para Camargo (2021, p. 02), “a noção de hospitalidade está diretamente relacionada com o acolhimento ao desconhecido”. Para o autor, a história demarca três diferentes momentos, sendo o primeiro deles a presença da hospitalidade após a sedentarização advinda da agricultura e pecuária, com a diferenciação entre os locais e os estrangeiros. O segundo ocorre na modernidade e na revolução industrial, com o êxodo rural e o crescimento das cidades e sua consequente impessoalidade. Já o terceiro iniciou após a década de 1950, justamente a partir do crescimento dos fluxos migratórios regionais e internacionais e o surgimento do turismo de massa, avanço dos meios de comunicação e das mobilidades.

No século XX, surge a visão de Emmanuel Lévinas (1961), que reflete a hospitalidade não apenas como um ato de generosidade, mas como um princípio ético fundamental. O autor enfatiza a relação entre o “Eu” e o “Outro”, destacando que cada um possui sua própria subjetividade. Lévinas defende que o reconhecimento e o respeito à alteridade são essenciais para que a hospitalidade seja incondicional, ou seja, não deve depender do que o “Outro” oferece em troca,

nem pode ser reduzida à visão de mundo ou aos interesses próprios do anfitrião.

Achille Mbembe (2016), em sua perspectiva filosófica, propõe que a hospitalidade deve ser entendida como um direito natural e universal, necessária para uma coexistência harmoniosa da sociedade. No entanto, ele analisa e critica a influência das relações de poder, exclusão e violência que moldam esse conceito no mundo contemporâneo. Segundo o autor, os Estados criam uma imagem do estrangeiro e do refugiado como inimigos, utilizando essa percepção como um mecanismo de controle. Isso justifica atos hostis e violentos, além de legitimar políticas de exclusão. Essa prática fomenta a desconfiança em relação ao estrangeiro e dificulta a experiência da hospitalidade e do acolhimento.

2.2 Hospitalidade nos contextos comercial e social

Cinotti (2011) argumenta que, na corrente anglo-saxônica, os estudos da hospitalidade estão fortemente relacionados à prestação de serviços de hospedagem, alimentação e bebidas mediante remuneração, com ênfase nas relações comerciais. Ottenbacher, Harrington e Parsa (2009, apud Cinotti, 2011), por sua vez, indicam que a visão norte-americana da hospitalidade é mais ampla do que a britânica. Enquanto a abordagem norte-americana engloba diversos setores, como meios de hospedagens, restaurantes, agências de viagem, atividades turísticas e empresas de transporte, a visão britânica tende a ser mais restrita, associada principalmente à hotelaria e restauração.

Nesse sentido, na ótica de Camargo (2004), a hospitalidade pode ser vista como uma troca mercantil voltada para benefícios econômicos, na qual o caráter do atendimento nos serviços prestados está cada vez mais impessoal, sendo caracterizado por práticas padronizadas e não espontâneas. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Aramberri (2002) sugere que a distinção entre “anfitrião” e “cliente” enfraquece a essência do ato de acolher de forma genuína e altruísta. Desse modo, essa característica impacta a percepção dos consumidores e a forma como os profissionais do setor gerenciam seus negócios (Brotherton, 2005). Em analogia às trocas simbólicas propostas por Marcel Mauss, Camargo (2021) advoga que a lógica das trocas comerciais é simétrica, baseada em um contrato entre iguais, impessoal e finita.

Gotman (2001) acrescenta que a hospitalidade não deve ser entendida apenas como um simples ato de acolhimento, mas como uma prática capaz de promover integração e justiça social. A autora destaca como fatores culturais, sociais, econômicos e políticos podem influenciar a forma de acolher e, por vezes, se tornar obstáculos para a verdadeira inclusão. Já Gauvin e L'Hérault (2004, apud Cinotti, 2011), ampliam essa perspectiva ao relacionar o acolhimento com as questões de pertencimento e identidade. Para esses autores, em uma sociedade marcada pela diversidade, a hospitalidade não é apenas um gesto de boas-vindas, mas um ato de conexão cultural, que envolve memórias históricas e a reinvenção de identidades, visando a inclusão de todos, especialmente no contexto da globalização e do aumento dos fluxos migratórios.

A hospitalidade, para Lugosi (2017) envolve oferta e consumo, nas palavras do autor, de segurança, abrigo e bem-estar. O autor destaca situações conflituosas, como ataques terroristas, desastres climáticos demandam oferta de hospitalidade, primordial na acolhida de crianças e imigrantes, seja no curto ou longo prazos. Outro destaque que o autor assinala referente à oferta de hospitalidade é no suporte de bem-estar social e de saúde tanto aos indivíduos quanto à sociedade como um todo.

Para Cinotti (2011), a hospitalidade ultrapassa a simples oferta de serviços, integrando dimensões simbólicas, culturais e relacionais. Ela é essencial para criar vínculos entre turistas, anfitriões e o destino, abrangendo interações sociais e subjetivas que vão além das expectativas funcionais.

2.3 Hospitalidade e território

Levando em consideração o recorte espacial do estudo, torna-se relevante tratar da hospitalidade vinculada aos territórios. A análise da hospitalidade nos territórios abrange diversos fatores que moldam a experiência dos visitantes e residentes, sendo essencial para promover um ambiente acolhedor e inclusivo. Para Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001) o território é caracterizado como o espaço em que se vive, sendo ele transformado pelas relações sociais e infraestruturas rurais ou urbanas, que funcionam como espaço de acolhimento e abrigo para uns e como recurso para outros.

Grinover (2017) analisa a hospitalidade territorial sob três aspectos complementares e interdependentes, que podem tanto facilitar quanto atuar como barreiras: acessibilidade (de natureza tangível, como meios de transporte e infraestrutura acessível, ou intangível, como acesso à cultura, saúde e serviços), legibilidade (que envolve espaços de referência, layouts urbanos simples e sinalização) e identidade (elementos que tornam a cidade única e reconhecível, como sua história, patrimônio e língua).

De forma complementar, Cinotti (2011) afirma que, de fato, uma infraestrutura inclusiva representa uma forma de hospitalidade dos territórios correlacionando essa questão com o idioma local, ou seja, ele destaca a importância de planejar cidades considerando não apenas as necessidades dos residentes, mas também as dos turistas, de modo que estes não se sintam estrangeiros ao visitá-las. Para isso, a tradução das sinalizações e dos materiais informativos se torna essencial, promovendo uma inclusão mais ampla e eficaz.

O urbanista Jan Gehl (2013) reforça a perspectiva de que o planejamento e design do espaço exerce direta influência no comportamento das pessoas, tornando a cidade mais ou menos convidativa. “Se olharmos a história das cidades, pode-se ver claramente que as estruturas urbanas e o planejamento influenciam o comportamento humano e as formas de funcionamento das cidades” (Gehl, 2013, p. 9). Ele enfatiza a importância de fatores como transporte público, segurança, sustentabilidade, possibilidades de expressão individual e coletiva com base nos sentidos humanos, além da beleza daquilo que pode ser percebido do ponto de vista do observador.

2.4 Hospitalidade no contexto turístico das migrações

O conceito de hospitalidade no contexto turístico e de imigrações é multifacetado, envolvendo tanto fatores objetivos, quanto subjetivos, que contribuem para a experiência do visitante. A corrente francesa dos estudos da hospitalidade, conforme indicado por Cinotti (2011) aborda uma ótica focada nas migrações e miscigenação, além de ressaltar tópicos como identidade, pertencimento, interação cultural e memória.

De acordo com Ritchie e Crouch (2005, apud Cinotti, 2011), a gentileza das pessoas pode, de fato, influenciar a competitividade de um destino, mas ela, por si só, não é suficiente para que um local seja considerado hospitaleiro. Os autores analisam o sucesso competitivo de uma região a partir de duas premissas essenciais: os recursos centrais (como clima, eventos, cultura e história) e os fatores fundamentais (incluindo infraestrutura, meios de acesso e políticas públicas). Nesse contexto, a hospitalidade não se restringe apenas aos profissionais diretamente envolvidos com o turismo, mas também envolve os residentes e outros profissionais que não estão diretamente ligados ao setor turístico.

Carù e Cova (2006, apud Cinotti, 2011), no contexto turístico e de hospitalidade, analisam três princípios fundamentais que compõe a experiência do consumidor: ambiente físico (dividido em atmosfera sensorial, que inclui elementos como som, cores, iluminação, cheiros, temperatura e design, que comporta aspectos como disposição dos espaços, organização, limpeza e acessibilidade), dimensão social (interações com outros clientes e com o pessoal de atendimento) e criação de uma narrativa memorável (combinação do ambiente e das interações sociais, resultando em uma experiência única, que gere uma lembrança duradoura da visita). Portanto, para os autores, uma vivência satisfatória depende tanto de componentes físicos quanto sociais.

Ao olhar a hospitalidade do ponto de vista dos turistas, destaca-se como a percepção do acolhimento é influenciada por fatores objetivos e subjetivos, não dependendo apenas da qualidade dos serviços oferecidos, mas também das interações sociais e da atmosfera do lugar (Cinotti, 2011).

Segundo Derrida (2003), no ambiente urbano, as interações devem se expandir para englobar não apenas os turistas temporários, mas também os estrangeiros que escolhem viver permanentemente em um novo local, que trazem consigo suas próprias perspectivas culturais e enfrentam desafios específicos. O autor analisa a língua como instrumento de poder, argumentando que, a partir do momento que o estrangeiro encontra dificuldades para se comunicar, impor o idioma dominante de um grupo sobre o outro é visto como um ato de violência, de controle e de exclusão, uma vez que nega a diversidade linguística e cultural do outro, tornando-o vulnerável.

Em consonância com essa visão, Cinotti (2011) explora a relevância da linguagem, argumentando que a dificuldade de comunicação pode excluir o estrangeiro. Portanto, é fundamental distinguir o conceito de "acolhimento" e "hospitalidade", sendo o primeiro mais amplo, incluindo interações com conhecidos ou estranhos, enquanto o segundo se dirige especialmente a visitantes em espaços alheios ao seu próprio território.

Na mesma linha, Ricouer (1991) indica a figura do estrangeiro usualmente utilizada como exemplo na relação do eu com o outro, pois ele é considerado o desconhecido, diferente, sem mesmidade e com outra forma de linguagem, que é condição primeira da mesmidade. O outro é personificado como o estrangeiro, conforme ilustrado no trecho que se segue:

Ausência de pátria comum que faz do Outro – o Estrangeiro; o Estrangeiro que perturba o “em sua casa”. Mas o Estrangeiro quer dizer também o livre. Sobre ele não posso poder (it.), porquanto escapa o meu domínio num aspecto essencial, mesmo que eu disponha dele: é que ele não está inteiramente no meu lugar. Mas eu, que não tenho conceito comum com o Estrangeiro, sou, tal como ele, sem gênero. Somos o Mesmo e o Outro (Levinas, 1980, p. 26).

Fabienne Brugère e Guillaume Le Blanc (2018) analisam o impacto da crise migratória na Europa, causada pela fuga em massa de pessoas, principalmente oriundas da África e do Oriente Médio, motivada por guerras, mudanças climáticas extremas, miséria e outros fatores. Os autores realizam uma análise crítica de como a hospitalidade, diante desse cenário, torna-se progressivamente institucionalizada e controlada. Com o fortalecimento das políticas de controle de imigração e de fronteiras, a hospitalidade passa a ser restrita, servindo apenas àqueles considerados “aceitáveis” pelo Estado ou pela sociedade, evidenciando uma exclusão sistemática.

No estudo de Cunha, Salles e Bastos (2018), apontou-se a importância da atuação de organizações públicas para a adoção de estratégias e políticas que permitam a convivência étnica de qualidade, bem como a convivência entre imigrantes e a população local, no período pós-guerra. O contexto do estudo foi a cidade de São Paulo, no início do processo de industrialização. Os resultados da pesquisa indicaram que “as aproximações e identificações se davam pela condição de refugiados, mas sobretudo como membros de comunidades identificadas com suas histórias, suas nacionalidades, opções políticas e religiosas” (p. 95).

O autor francês, Cinotti (2011), no que diz respeito às atividades turísticas, ainda destaca a necessidade de diferenciar entre hospitalidade territorial, que envolve as atitudes acolhedoras dos moradores (profissionais ou não) de um destino em relação aos turistas estrangeiros e a doméstica, que se refere ao ato de receber um turista na própria casa. Além disso, também se ressalta a relevância das percepções de hospitalidade no destino turístico. Cinotti (2011), pontua três dimensões que podem ser analisadas ao estudar elementos essenciais que influenciam a experiência de hospitalidade vivenciada pelo turista. Dentre elas estão a ausência de hostilidade, o esforço em relação aos estrangeiros e o esforço linguístico, que podem ser vistos nas dimensões e atributos do Quadro 1 (p. 9).

Na atualidade, Cintra e Bastos (2023) citam que, apesar de certa efervescência na temática migratória e a potencialidade de integração com os estudos da hospitalidade, existe uma baixa produção de conhecimento científico que analise essa conjuntura. Os autores ressaltam ainda que a maior parte dos estudos trabalha as temáticas em uma perspectiva derridiana, em que leis incondicionais da hospitalidade entram em paradoxo com questões condicionais, como as esferas políticas e jurídicas; ou seja, percebe-se que, desde os tempos pós-guerra, em que os fluxos

migratórios eram acolhidos principalmente por outros refugiados (Cunha, Salles & Bastos, 2018), nada ou pouco desse cenário se transformou.

Quadro 1 – Dimensões e atributos da hospitalidade turística.

Dimensões	Atributos
Ausência de hostilidade	Ausência de agressividade em relação aos estrangeiros
	Ausência de solicitação por parte dos mendigos e vendedores
	Condução cortês
	Honestidade em relação aos estrangeiros
	Sentimento de segurança no meio da população
Esforço com relação aos estrangeiros	Gentileza
	Encontros calorosos
	Esforço para ajudar os estrangeiros
	Discrição
Esforço linguístico	Capacidade de se expressar na língua do turista
	Capacidade de se expressar em inglês
	Esforços para superar a barreira linguística
	Tradução dos suportes na língua do turista
	Tradução dos suportes em inglês.

Fonte: Cinotti (2011, p. 133).

Em uma pesquisa mais recente, Cintra e Bastos (2025) buscam compreender como se desenvolve a dinâmica de acolhimento dos bolivianos na cidade de São Paulo, tendo em vista que esse grupo representa o maior quantitativo de estrangeiros com permissão legal para viver na cidade. Os bolivianos são percebidos como hóspedes que coabitam o espaço paulista sem integrar-se efetivamente à comunidade, pois apesar de serem considerados cidadãos legais, a aceitação e integração do migrante é socialmente limitada.

Ao associar a literatura migratória com as dimensões de Cinotti (2011), inicialmente desenvolvidas para a atividade turística, em que existe a ideia de retorno a uma residência, percebe-se potencial para expandir o conhecimento científico sobre migrações e hospitalidade. Justifica-se essa proposta pela condição de estrangeiro dos migrantes, que por vezes desconhecem, ao menos de forma aprofundada, a cultura do local para onde estão se deslocando. Esse desconhecimento pode incluir leis de hospitalidade locais, que influenciam em hostilidade ou gentileza por parte dos locais; bem como questões linguísticas diversas, situações também comumente vivenciadas pelos turistas.

Vale incluir os apontamentos de Gehl (2013), que numa perspectiva urbanista, traça a relevância do acesso às estruturas e possibilidades de expressão individual e coletiva para observar as atitudes humanas e o funcionamento da sociedade como um todo. Essa perspectiva reforça a hospitalidade territorial, em que o estrangeiro, seja ele turista ou migrante, por meio das características do ambiente em que se encontra, pode sentir-se acolhido ou afastado em escalas diversas.

Ao analisar a hospitalidade no contexto das migrações, é essencial considerar as múltiplas dimensões que impactam a experiência do migrante, assim como a maneira em que as políticas

públicas e as atitudes sociais influenciam as práticas de acolhimento. Fatores como a ausência de hostilidade, a gentileza e o esforço linguístico (Cinotti, 2011) oferecem um panorama valioso para compreender como diferentes contextos podem moldar a percepção de hospitalidade, seja em destinos turísticos ou em comunidades que recebem migrantes.

3 Metodologia

A hospitalidade, enquanto fenômeno social, vai além do simples ato de receber, refletindo práticas sociais e valores moldados pelas dinâmicas e estruturas de cada sociedade (Cinotti, 2011). Por ser um conceito amplo, subjetivo e dinâmico, é necessário realizar um estudo que considere seus múltiplos aspectos, especialmente quando analisada sob a ótica dos imigrantes em Budapeste.

Os procedimentos metodológicos foram escolhidos de maneira a facilitar a compreensão do objeto de estudo, sem impor limitações. Nesse contexto, o estudo adota uma abordagem quantitativa, utilizando métodos estatísticos para analisar as experiências, avaliações e percepções dos imigrantes em relação à hospitalidade na capital húngara.

Considera-se, então, o uso de escalas padronizadas, como a escala de *Likert*, que permite capturar as percepções dos participantes de forma sistemática e mensurável. Destarte, foi aplicado um questionário criado na ferramenta *Google Forms*, contendo uma escala de *Likert* de 5 pontos. Essa escala variou de "Muito insatisfeito" (1) a "Muito satisfeito" (5), permitindo avaliar as diferentes dimensões da hospitalidade propostas por Cinotti (2011), como a ausência de hostilidade, o esforço em relação aos estrangeiros e o esforço linguístico. Essas dimensões serviram como categorias de análise para os resultados obtidos. Além disso, o questionário incluiu questões adicionais para aprofundar a compreensão acerca da barreira linguística e como isso pode influenciar a percepção de hospitalidade de modo geral.

A coleta de dados ocorreu entre dezembro de 2024 e outubro de 2025 e o método de amostragem foi por conveniência. O link do questionário foi distribuído *online* por meio de redes sociais e grupos de imigrantes em Budapeste no *Facebook*, além de compartilhamentos entre conhecidos. Estimou-se que o preenchimento demorasse aproximadamente 5 minutos e os respondentes poderiam desistir de participar a qualquer momento.

O critério de inclusão foi ter residido em Budapeste como imigrante por no mínimo 12 meses entre os anos de 2019 e 2025, independentemente da nacionalidade, resultando em um total de 101 questionários preenchidos, sendo todos válidos. Na sequência, os dados foram tabulados em uma planilha da ferramenta *Excel*.

Para a análise dos dados foram utilizadas técnicas estatísticas descritivas. A análise de correlação foi aplicada para examinar o grau de associação entre as variáveis, possibilitando a identificação de relações significativas entre as dimensões da hospitalidade e as características dos imigrantes. Isso permitiu compreender como determinados fatores influenciam as percepções de cada um.

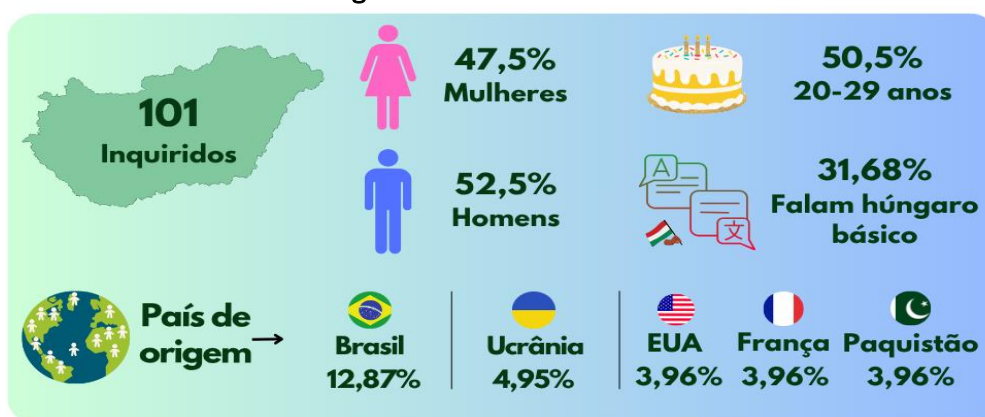
Os resultados estão apresentados na seção a seguir e, com isso, visa-se contribuir para o desenvolvimento de políticas mais eficazes de integração e acolhimento de imigrantes na cidade em estudo.

4 Resultados

Neste item são apresentados os resultados das avaliações da hospitalidade seguindo as dimensões propostas por Cinotti (2011), com enfoque na análise das barreiras linguísticas enfrentadas por imigrantes em Budapeste. Assim, a análise aborda a caracterização do perfil dos participantes, suas habilidades no idioma húngaro e as situações em que o idioma representou um obstáculo. É importante reforçar que os dados aqui apresentados foram coletados exclusivamente de imigrantes, portanto, menções ao termo “estrangeiro” nesta pesquisa referem-se aos indivíduos que se deslocam para residir em Budapeste, não para turistas que se mantêm na cidade por determinado período de tempo, geralmente inferior a um ano, e retornam para seus lares. Em determinados momentos, os termos turista e turístico estarão presentes no estudo, pois as dimensões analíticas são baseadas na hospitalidade turística (Cinotti, 2011), e também porque os imigrantes podem usufruir de estruturas e materiais turísticos para melhor adaptação ao novo território, bem como costumam compartilhar os desafios de ordem linguística.

A maioria dos imigrantes entrevistados era do gênero masculino (52,5%), com faixa etária entre 20-29 anos (50,5%) e com nível de proficiência básico no idioma húngaro (31,68%). Na variável de qual é o país de origem, houve uma grande diversidade de países citados, com quantidades de respostas similares em cada um. Contudo, notou-se que a maioria dos imigrantes era proveniente do Brasil (12,87%), seguido da Ucrânia (4,95%), e Estados Unidos, França e Paquistão (cada um dos três com 3,96%). A Figura 1 mostra a caracterização da amostra.

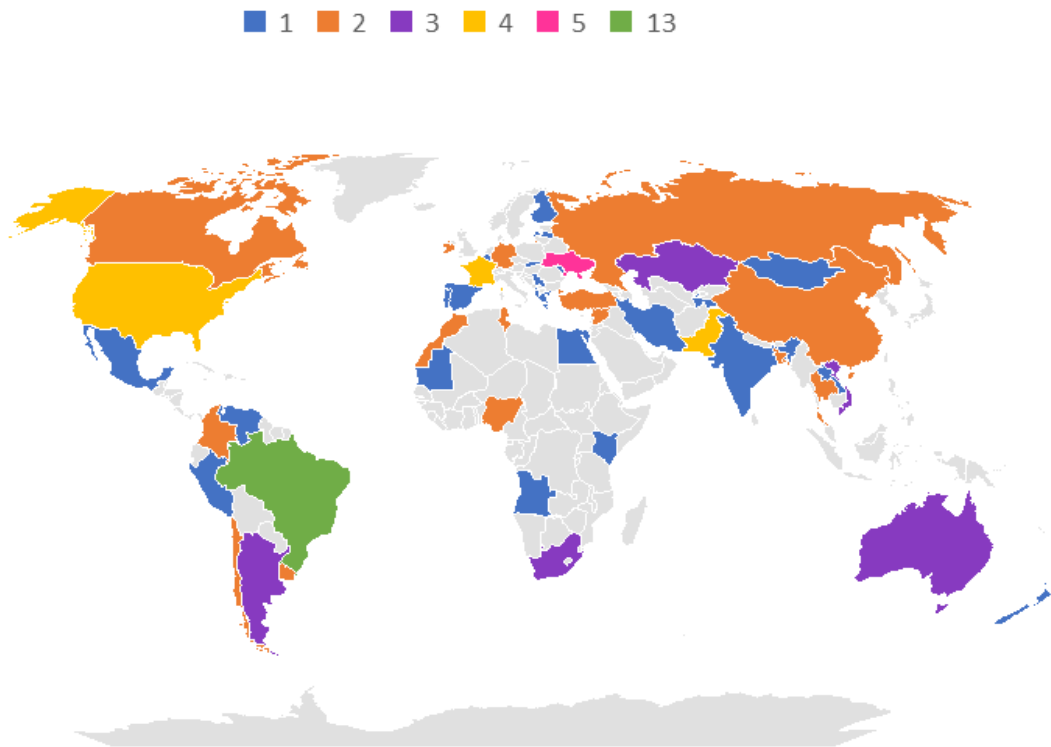
Figura 1 – Perfil da amostra



Fonte: Elaboração própria (2025)

Em relação à distribuição da amostra por procedência, os continentes de origem mais mencionados foram a América (n=31), a Europa (n=28), e a Ásia (n=25), seguidos de África e, por último, Oceania. Foram indicadas pela amostra cinquenta nacionalidades diferentes (Figura 2).

Figura 2 – Número de pessoas por nacionalidade



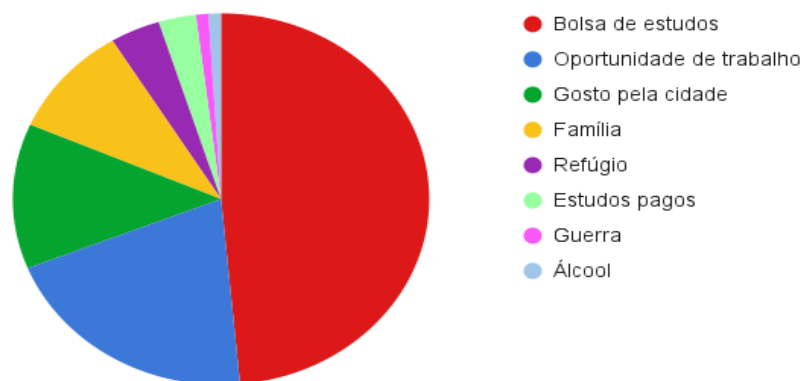
Fonte: Elaboração própria (2025).

Em relação à motivação da mudança, identificou-se que 49,5% dos entrevistados se mudaram em razão de uma bolsa de estudos. As bolsas oferecidas pelo governo húngaro têm como um dos principais requisitos a participação em um curso, ofertado pela própria instituição, para aprender o idioma e a cultura local (Tempus Public Foundation). Outras motivações apontadas foram: oportunidade de trabalho (20,8%), gosto pela cidade (12,87%), família (9,9%), refúgio (4%), estudos pagos (2,97%), guerra (1%) e álcool (1%), conforme a Figura 3.

Figura 3 – Gráfico das motivações para a mudança

What was the reason you decided to move to Budapest?

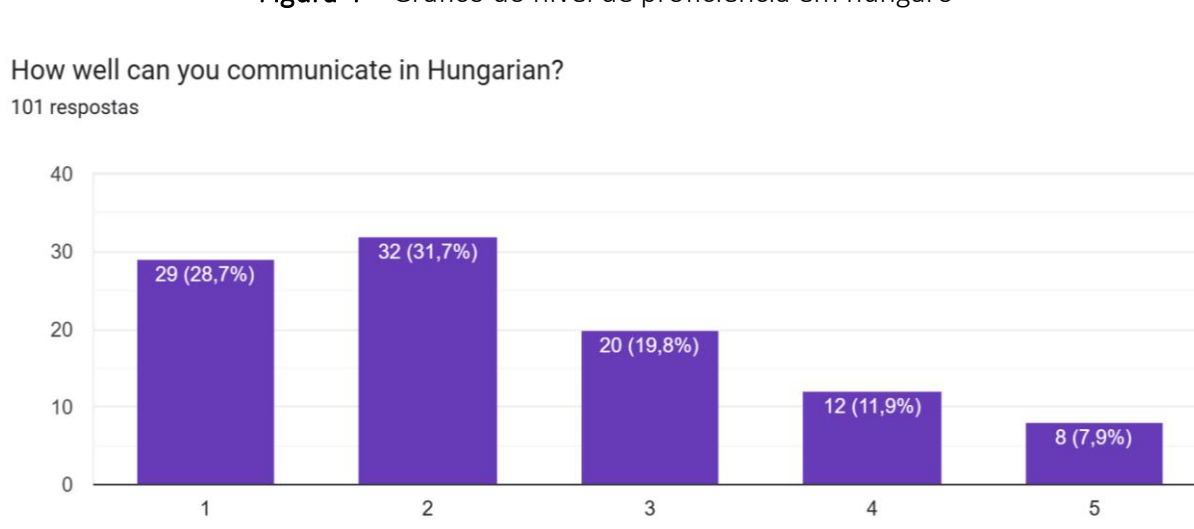
101 respostas



Fonte: Google Forms (2025).

No que se refere ao nível de proficiência no idioma húngaro, os imigrantes possuem um nível básico, em sua maioria (31,7%). Além disso, percebe-se que 28,7% são principiantes e não falam nada de húngaro, 19,8% tem grau intermediário, 11,9% nível avançado e somente 7,9% se comunicam fluentemente no idioma da Hungria. Pode-se verificar isso na Figura 4, na qual 1 se refere a principiante e 5 a fluente, seguindo o proposto na Escala de *Likert*.

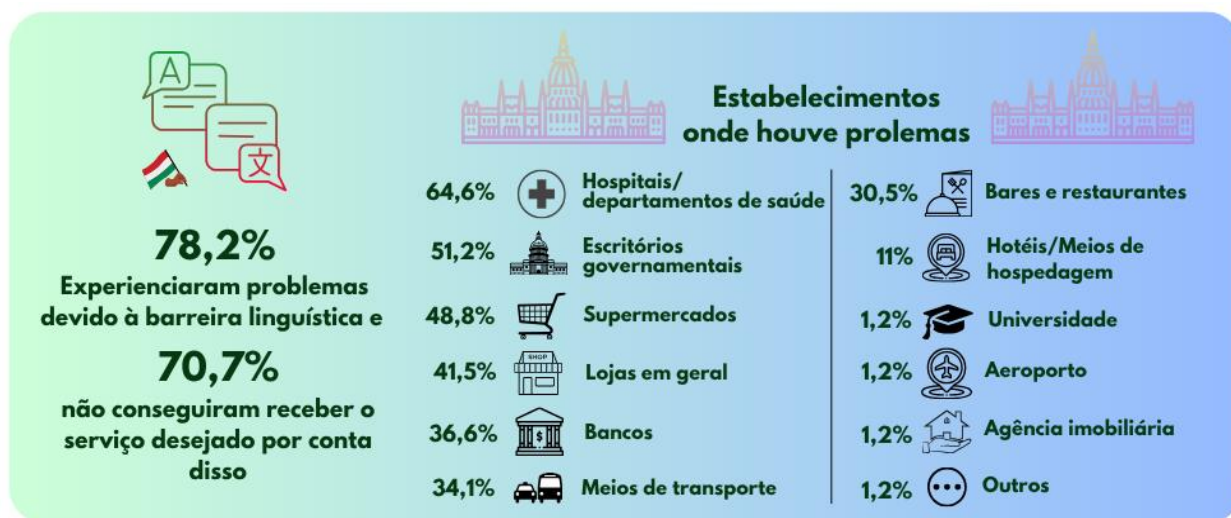
Figura 4 – Gráfico do nível de proficiência em húngaro



Fonte: Google Forms (2025).

Ainda no que diz respeito às habilidades linguísticas e às barreiras causadas pelos diferentes idiomas, foi constatado que 78,2% dos inquiridos experienciaram problemas devido a esse obstáculo e dentre esses, 70,7% não conseguiram obter o serviço desejado. Esses problemas aconteceram, em sua maioria, em hospitais/departamentos de saúde (64,6%), seguido de escritórios governamentais (51,2%) e supermercados (48,8%), conforme Figura 5.

Figura 5 – Problemas devido à barreira linguística



Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa realidade pode ser associada aos estudos de Gehl (2013), que defende a importância do acesso a estruturas básicas como meios de transporte, saúde, entre outras no que se refere ao acolhimento dos indivíduos em determinado território. O fato de mais da metade dos respondentes terem apontado alguma questão idiomática em escritórios governamentais dialoga também com a pesquisa de Cintra e Bastos (2023), que aborda uma perspectiva paradoxal entre o acolhimento caloroso e a hospitalidade condicional (esfera política e jurídica), em que faltam medidas de aproximação mais efetivas.

De acordo com Cinotti (2011), a hospitalidade não deve estar presente somente no setor turístico, mas em todas as áreas, o que não se mostra presente ao analisar os resultados da pesquisa, uma vez que os estabelecimentos onde houve mais problemas foram em setores que não são voltados para o turismo. Além da questão do idioma, também foram relatados outros problemas, como falta de esforço para ajudar os imigrantes, escassez de funcionários que se comuniquem em inglês, comportamento agressivo e rude por parte dos residentes e dificuldade em interpretar documentos de legalidade mesmo para falantes fluentes da língua húngara.

Ao analisar a questão sob a perspectiva de Grinover (2017) sobre hospitalidade, percebe-se que a acessibilidade não é plena ao se deparar com a barreira linguística, uma vez que essa impactou o acesso à saúde e a outros departamentos. Vale também associar essa questão ao olhar de Cintra e Bastos (2025), que defendem a necessidade de extrapolar a coabitação legalizada dos imigrantes em determinado território, incluindo esses indivíduos socialmente na população local por meio de medidas integrativas. Acredita-se que dessa forma, seria possível atingir o que Baptista (2005) chamou de “geografia de proximidade humana”, por meio de reconhecimento mútuo nas relações sociais.

Na sequência foi aplicada uma escala de *Likert* de 5 pontos, sendo "Muito insatisfeito" (1) a "Muito satisfeito" (5), para investigar o grau de satisfação dos imigrantes com a hospitalidade na capital húngara, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Nível de satisfação em relação à ausência de hostilidade

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Regular	Satisfeito	Muito satisfeito
Ausência de agressividade em relação aos estrangeiros;	10,9%	25,7%	19,8%	26,7%	16,8%
Ausência de solicitação por parte dos mendigos e vendedores;	8,9%	25,7%	32,7%	19,8%	12,9%
Condução cortês;	9,9%	9,9%	26,7%	30,7%	22,8%
Honestidade em relação aos estrangeiros;	6,9%	19,8%	23,8%	33,7%	15,8%
Sentimento de segurança no meio da população.	1%	3%	18,8%	25,7%	51,5%

Fonte: elaboração própria (2025).

É possível perceber que, em relação à dimensão “ausência de hostilidade”, proposta por Cinotti (2011), na maioria dos atributos citados, grande parte das pessoas percebem as interações com estrangeiros positivamente, especialmente em relação à segurança e à condução cortês. No entanto, ainda há pontos de preocupação, como a agressividade percebida e as solicitações feitas por mendigos e vendedores, que acabam impactando negativamente a experiência de algumas pessoas. O atributo que mais se destacou pelo alto grau de satisfação é o sentimento de segurança no meio da população, no qual 77,2% se sentiu satisfeito ou muito satisfeito e somente 4% se sentiu insatisfeito ou muito insatisfeito.

Para avaliar o nível de satisfação da dimensão “esforço com relação aos estrangeiros” também mencionada por Cinotti (2011), foi aplicada a mesma escala, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Nível de satisfação em relação ao esforço com relação aos estrangeiros

Nível de satisfação	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Regular	Satisfeito	Muito satisfeito
Gentileza	12,9%	24,8%	27,7%	24,8%	9,9%
Encontros calorosos	20,8%	21,8%	23,8%	25,7%	7,9%
Esforço para ajudar os estrangeiros	27,7%	20,8%	21,8%	21,8%	7,9%
Discrição	5,9%	12,9%	38,6%	20,8%	21,8%

Fonte: elaboração própria (2025).

Nota-se que, embora existam esforços para promover interações mais amigáveis e acolhedoras com os imigrantes, esses esforços são percebidos de maneira desigual entre os participantes. A insatisfação, manifestada de diferentes maneiras, evidencia hábitos negativos nas práticas de acolhimento, com foco na gentileza, no estabelecimento de encontros mais calorosos e, principalmente, na oferta de ajuda mais eficaz aos estrangeiros, tópico no qual a maioria se mostrou muito insatisfeita (27,7%). A discrição, por outro lado, aparece como um ponto relativamente positivo. Neste contexto é possível fazer uma associação com a literatura de Brugère e Le Blanc (2018), assim como Cunha, Salles e Bastos (2018), em que os imigrantes, desde o período pós-guerra, são sociopoliticamente restritos a determinados ambientes se desejam obter serviços de qualidade e atitudes hospitaleiras.

Já a Tabela 3 (p. 16) relacionada à dimensão “esforço linguístico” (Cinotti, 2011), apresenta uma visão de insatisfação na comunicação. A maioria se sente muito insatisfeita no que se refere à capacidade de se expressar na língua do turista (25,7%). A capacidade de comunicação em inglês, embora mais eficaz, com 37,6% satisfeitos, ainda enfrenta obstáculos, especialmente quando se trata dos esforços realizados para superar barreiras linguísticas, com 30,7% muito insatisfeitos. Os esforços para traduzir materiais de apoio também receberam críticas, especialmente em relação às traduções na língua do turista ou imigrante, na qual a maior parte se sente muito insatisfeita ou insatisfeita, totalizando 45,6%, enquanto as traduções para o inglês foram mais bem avaliadas, com 59,4% de satisfação e muita satisfação.

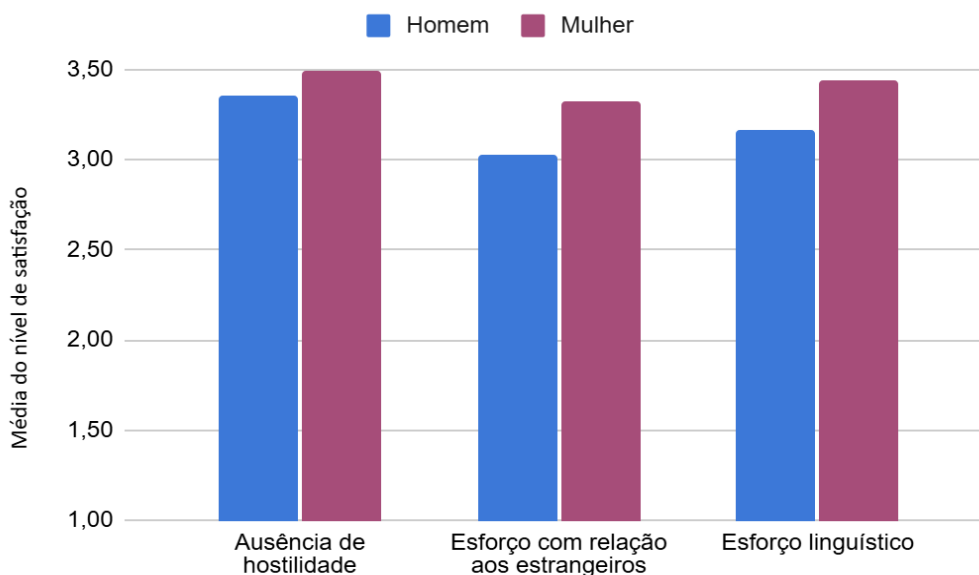
Tabela 3 – Nível de satisfação em relação ao esforço linguístico

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Regular	Satisfeito	Muito satisfeito
Capacidade de se expressar na língua do turista	25,7%	20,8%	24,8%	15,8%	12,9%
Capacidade de se expressar em inglês	5%	12,9%	20,8%	37,6%	23,8%
Esforços para superar a barreira linguística	30,7%	17,8%	22,8%	19,8%	8,9%
Tradução dos suportes na língua do turista	23,8%	21,8%	27,7%	14,9%	11,9%
Tradução dos suportes em inglês	9,9%	12,9%	17,8%	38,6%	20,8%

Fonte: elaboração própria (2025).

Com relação ao nível de satisfação com a hospitalidade em Budapeste de acordo com o gênero dos respondentes, a Figura 6 evidencia que as mulheres apresentam maior nível de satisfação em todas as variáveis examinadas, indicando uma percepção geral mais positiva da hospitalidade local, embora ambas as avaliações apresentem resultados próximos. A maior diferença entre os gêneros ocorre no esforço com relação aos estrangeiros, enquanto a ausência de hostilidade é o tópico melhor avaliado por ambos.

Figura 6 – Gráfico do nível de satisfação de acordo com o gênero

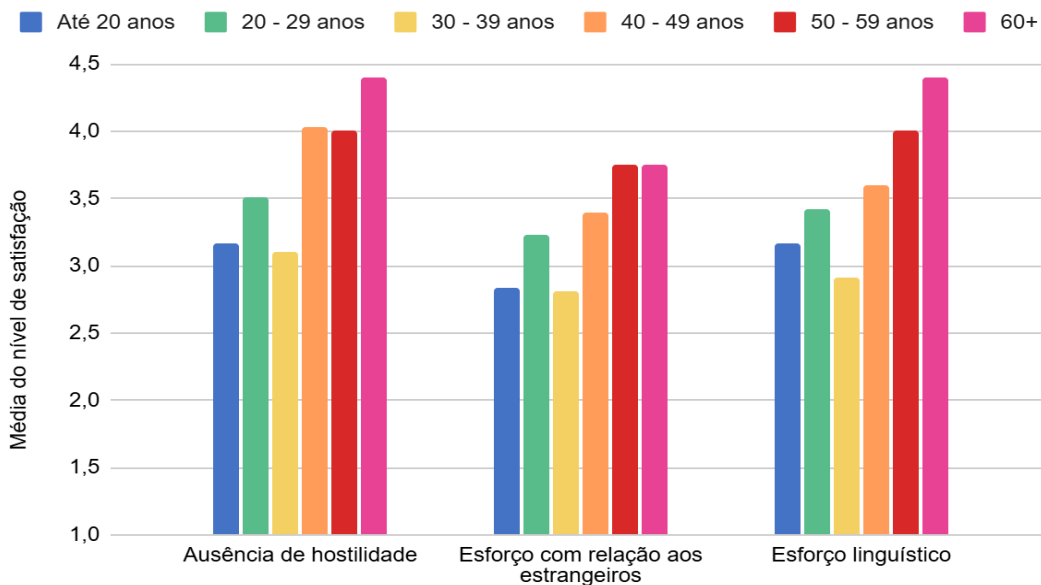


Fonte: Elaboração própria (2025).

Quanto à avaliação da satisfação com a hospitalidade local por idade, a Figura 7 revela que os grupos mais jovens (até 20 anos e de 20 a 29 anos) apresentam níveis de satisfação intermediários, enquanto as piores médias pertencem ao grupo de 30 a 39 anos, em todas as

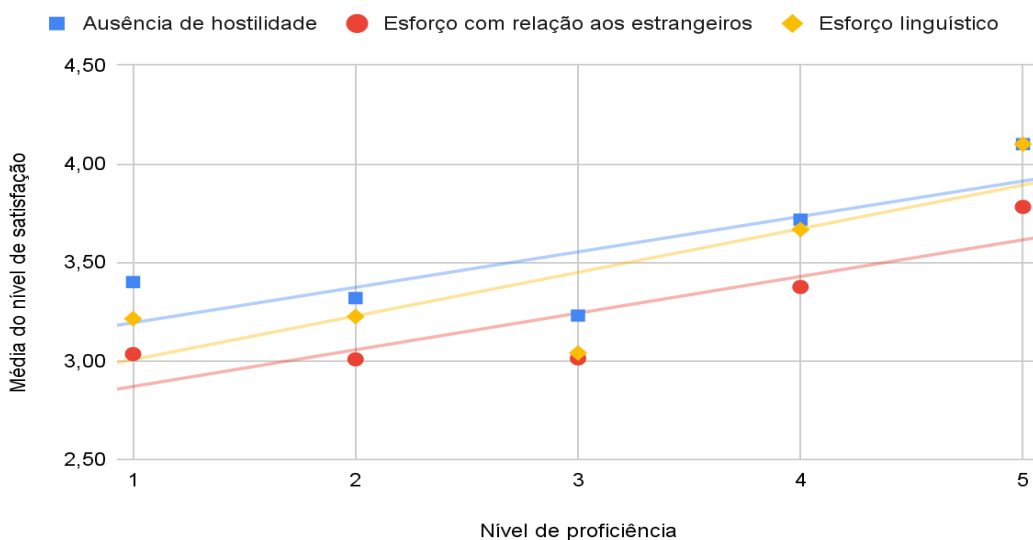
dimensões analisadas. Esse grupo demonstra uma percepção mais crítica da hospitalidade local, especialmente quanto ao esforço com relação aos estrangeiros. Em contraste, os participantes acima de 50 anos, apresentam melhores avaliações, indicando uma visão mais positiva. De modo geral, a satisfação tende a aumentar com a idade, sendo o “esforço com relação aos estrangeiros” o aspecto mais fragilizado.

Figura 7 – Gráfico do nível de satisfação de acordo com a idade



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 8 – Gráfico do nível de satisfação de acordo com a proficiência



Fonte: Elaboração própria (2025).

A figura 8, acima, apresenta a média da satisfação dos imigrantes em diferentes atributos, correlacionada aos níveis de proficiência no idioma local, sendo 1 = Principiante e 5 = Fluente.

Observa-se que, à medida que o grau de conhecimento do idioma aumenta, cresce também a satisfação percebida, sugerindo que indivíduos com maior domínio da língua tendem a perceber as interações mais positivamente, com menos influência de barreiras comunicativas. Nos níveis principiante, básico e intermediário, há mais insatisfação, especialmente quanto ao esforço com relação aos estrangeiros. A partir do nível avançado as médias aumentam e, no nível fluente, atingem os valores mais altos, sobretudo em ausência de hostilidade e esforço linguístico.

As linhas de tendência das três variáveis seguem uma trajetória ascendente, evidenciando uma relação direta entre proficiência e satisfação. Embora o ritmo de crescimento varie entre os atributos, todas as linhas indicam que melhores habilidades linguísticas estão associadas a percepções mais favoráveis. Portanto, isso reforça que o domínio do idioma húngaro está associado ao maior contentamento e integração.

5 Considerações finais

A percepção da hospitalidade em Budapeste, sob a ótica dos imigrantes, revela um cenário multifacetado, no qual aspectos positivos coexistem com os desafios. A cidade se destaca por sua segurança bem desenvolvida, fator que contribui para uma sensação inicial de acolhimento. No entanto, os obstáculos linguísticos emergem como uma das principais barreiras à plena integração dos estrangeiros, afetando diretamente o acesso a serviços essenciais, como atendimento médico, suporte burocrático e oportunidades no mercado de trabalho.

Os resultados da pesquisa evidenciam que a hospitalidade, conforme a abordagem de Cinotti (2011), deve ser compreendida além do setor turístico, abrangendo todas as esferas da vida urbana. Embora existam iniciativas para amenizar as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, como programas de ensino do idioma húngaro e eventos de integração cultural, a percepção predominante ainda aponta para a necessidade de políticas mais efetivas de inclusão. A falta de suporte multilíngue, a escassez de funcionários capacitados para se comunicar em inglês e a ausência de informações acessíveis dificultam a adaptação dos estrangeiros ao cotidiano da cidade.

Além das dificuldades linguísticas, foi possível identificar um padrão de experiências contrastantes em relação às interações sociais. Enquanto muitos imigrantes relataram um ambiente seguro e, em alguns casos, acolhedor, outros apontaram a presença de atitudes hostis, especialmente em ambientes de atendimento público. A análise dos dados sugere que a experiência do imigrante em Budapeste está diretamente ligada ao seu nível de proficiência no húngaro: quanto maior o domínio do idioma, mais positiva tende a ser sua percepção da hospitalidade local. Ou seja, faz-se necessário que sejam implementadas políticas orientadas para a população local no que se refere à hospitalidade urbana e sensibilização turística, principalmente em relação ao ensino de idiomas que permitam uma comunicação mais fluida entre as partes envolvidas.

Diante desse cenário, é fundamental ampliar as práticas de acolhimento e integração para garantir que Budapeste se torne uma cidade mais receptiva para seus residentes temporários.

Medidas como a ampliação de serviços multilíngues, a criação de políticas públicas voltadas para a inclusão de imigrantes e o incentivo a interações sociais mais amigáveis são essenciais para fortalecer a hospitalidade urbana. No caso dos serviços multilíngue, indica-se que seja dada atenção especial para os trabalhadores de serviços fundamentais como as áreas da saúde e governo. Assim, a superação das barreiras existentes contribuirá não apenas para a melhoria da qualidade de vida dos imigrantes, mas também para a construção de uma cidade mais inclusiva, acolhedora e culturalmente diversa.

Entre as limitações da pesquisa destaca-se o número de respondentes, que apesar de representativo, inviabiliza a generalização dos dados levantados. A pesquisa apresenta como recorte geográfico um destino fora do contexto brasileiro, o que, por motivos orçamentários, impediu a aplicação *in loco* de questionários com imigrantes. Com relação à teoria do estudo, a escolha por focar no desafio linguístico dos imigrantes pode ter ocultado outras questões relevantes da hospitalidade urbana em Budapeste.

Sobre estudos futuros, sugere-se que sejam realizados levantamentos sobre a percepção da população local no que tange à hospitalidade na cidade, permitindo uma comparação entre os interesses dos imigrantes e dos moradores. Acredita-se que a visão holística de ambos os envolvidos no fenômeno da hospitalidade (visitantes e anfitriões) permita o desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas para a construção de um território receptivo e acolhedor.

Referências

- Aramberri, J. (2001). The host should get lost: Paradigms in the Tourism Theory. *Annals of. Tourism Research*, 28(3), 738-761. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(00\)00075-X](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(00)00075-X)
- Baptista, I. (2005). Para uma geografia de proximidade humana. *Revista Hospitalidade*, 2(2), 11–22. Recuperado de <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/219>
- Boff, L. (2005). Virtudes para um outro mundo possível. *Hospitalidade: Direito & Dever de todos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Brotherton, B. (2000). The nature of hospitality: customer perceptions and implications. *Tourism and Hospitality Research*, 2(3), 165-183.
- Brugère, F., & Le Blanc, G. (2019) *Le conflit des hospitalités*. Esprit, Paris.
- Camargo, L. O. D. L. (2021). As leis da hospitalidade. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 15(2), e-2112. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i2.2112>
- Camargo, L. O. L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: SENAC.
- Cinotti, Y. (2011). *Hospitalité touristique: conceptualisation et études de l'hospitalité des destinations et des maisons d'hôtes*. [Tese de Doutorado, Université de Perpignan] Recuperado de: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01875235>.
- Cintra, L. A. de O., & Bastos, S. R. (2023). A interface entre hospitalidade e migração: uma revisão sistemática da literatura. *Idéias*, 14(00), e023027. <https://doi.org/10.20396/ideias.v14i00.8672003>

- Cintra, L. A. de O., & Bastos, S. R. (2025). Acolhimento de migrantes internacionais. Hospitalidade e a dinâmica de inclusão e exclusão de bolivianos em São Paulo. *CONTEMPORÂNEA*, 15, 1-27. <https://doi.org/10.14244/contemp.v15.1357>
- Cunha, A. H. M., Salles, M. do R. R., & Bastos, S. R. (2018). As organizações internacionais de apoio e a imigração dos países do leste europeu no pós-Segunda Guerra Mundial: as possibilidades do recomeço. *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, 31(82), 83–98. <https://doi.org/10.48213/travessia.i82.371>
- Derrida, J. (2003). Question d'étranger: venue de l'étranger. In: Derrida, J., & Dufourmantelle, A. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar - Da hospitalidade. Tradução de Antonio Romane.
- Gastal, S., & Kunz, J. G. (2014). Hospitalidade e Turismo: as virtudes das cidades. In: Santos, M. M. C., & Baptista, I. (Org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. 1ed. Caxias do Sul: Educs, 99-114.
- Gehl, J. (2013). *Cidades para pessoas*. Tradução de Anita Di Marco. 2. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Grinover, L. (2006). A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, 3(2), 29–50. Recuperado de <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/191>
- Homero. (2019). *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Moodle USP. Recuperado de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7590489/mod_resource/content/1/Homero%20-%20Frederico-Lourenc%CC%A7o%20-%20Ili%CC%81ada%20-%202019.pdf
- Korstanje, M. E. (2010). Las formas elementales de la hospitalidad. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 4(2), 86-111. Recuperado de: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/325/347>
- Levinas, E. (1980). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Lugosi, P. (2017). Consuming hospitality. In C. Lashley (Ed.), *The Routledge handbook of hospitality studies* (pp. 220–232). London, UK: Routledge.
- Mbembe, A. (2016). Politiques de l'inimitié. Tradução de Marta Lança. Revisão de Baptista Coelho. Recuperado de: <https://campodiscursivo.paginas.ufsc.br/files/2021/09/TEXT0-8-Mbembe-Pol%C3%ADticas-da-inimizade.pdf>
- Nodari, P. C. (2014). Direito Cosmopolita à Hospitalidade em Kant. In: Santos, M. M. C., & Baptista, I. (Org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. 1ed. Caxias do Sul: Educs, 127-140.
- Querrien, A., & Gotman, A. (2001). Le sens de l'hospitalité: essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre. (Collection «Le lien social»), 2001. In: *Les Annales de la recherche urbaine*, 93, 174-175. Recuperado de: https://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_2003_num_93_1_2497_t1_0174_0000_1
- Ricoeur, P. (1991). *O si-mesmo como um outro*. Campinas, Brasil: Papirus.
- Santos, M. e Silveira, M. L. (2001). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, Editora Record, São Paulo.
- Vozdová, M. (2005). Resenha de *Le dire de l'hospitalité*. Textes réunis par Lise Gauvin, Pierre L'Hérault et Alain Montandon. *Études romanes de Brno*, 35(1), 130-131. Recuperado de: <https://hdl.handle.net/11222.digilib/113235>

SOBRE OS AUTORES

Mariana Solti Sacramento

Contribuições: Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, recursos, software, visualização, redação original e final.

E-mail: marianasolti@id.uff.br / ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8548-4713>

Manoela Carrillo Valduga

Contribuições: Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, supervisão, validação, visualização, redação original e final.

E-mail: manoelavalduga@id.uff.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9149-3802>

Romário Loffredo de Oliveira

Contribuições: Análise formal, metodologia, validação, visualização, redação e revisão.

E-mail: rohloffredo@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4872-4767>

COMO CITAR

Sacramento, M., S., Valduga, M. C., & OLiveira, R. L. (2025). A percepção da hospitalidade na cidade de Budapeste: o olhar dos imigrantes. *Revista Hospitalidade*, 22, e1271, <https://doi.org/10.29147/revhosp.v22.1271>